



Os irmãos dos romances iniciais de Milton Hatoum

The brothers of the early novels of Milton Hatoum

Luiz Gonzaga Marchezan

UNESP/FAPESP - Brasil

PALAVRAS-CHAVE: MITO, MEMÓRIA, NARRADOR, ROMANCE.

KEYWORDS: MYTH, MEMORY, NARRATOR, NOVEL.

Milton Hatoum (1993), num depoimento à revista *Remate de Males*, declarou-se um ficcionista voltado para suas memórias familiares. O título do testemunho – *Passagem para um certo oriente* encaminhou-se para a discussão do assunto desenvolvido no romance que publicara em 1989 – *Relato de um certo oriente*, fazendo-se, posterior e notadamente, em 2000, matéria romanesca de *Dois irmãos*, com narrador semelhante ao anterior: um bastardo interessado no desvendamento da sua origem no interior de relações familiares envolvidas com nacionalidades e religiões diversas entre viventes de uma mesma Manaus.

Reflexões sobre uma viagem sem fim (Hatoum, 1992), conto publicado na *Revista Usp*, não foi citado no depoimento do autor à revista *Remate de Males*, no entanto, aproximamos de invariantes das narrativas romanescas de Milton Hatoum acima citadas – *Relato de um certo oriente* e *Dois irmãos*, com exposições acerca de imigrações do Oriente para Manaus. Trata-se, hoje, de conto coligido em *A cidade ilhada* (2009). A narrativa agora em questão, o conto, recebeu desde sua publicação, em 1992, sete outras edições: duas em português e cinco em diferentes línguas estrangeiras. Uma vez conto de *A cidade ilhada*,

somou modificações e novo título: *A natureza ri da cultura*; sua dedicatória continuou para o crítico Benedito Nunes.

Tantos anos depois, Paris parece tão distante ..., crônica reunida em *Um solitário à espreita* (Hatoum, 2013), conta com a observação: “[...] em abril de 1989 publiquei meu primeiro romance, cujo esboço inicial foi feito em dezembro de 1980 e nos primeiros meses de 1981. O relato seria um conto, mas foi crescendo com o calor da viagem sinuosa e atropelada da escrita [...] aquele conto expandiu-se, uma voz puxava outra, vozes tão intro-metidas que nem sei de onde vinham” (Hatoum, 2013, p.33).

Deduzimos assim, pelos comentários do autor, que *Relato de um certo oriente* delineou-se como conto, forma literária posteriormente alterada, de acordo com o que percebemos do depoimento do autor no trecho da crônica citada, momento em que nos mostra sua concepção romanesca: uma forma aberta, lugar de multiplicidade de vozes envolvendo cinco narradores, capaz de expor numa trama um enigma que protege mistérios do destino de desterrados, eternos solitários, suas memórias, fixadas em dramas individuais familiares. A perspectiva romanesca de Milton Hatoum para seus dois romances iniciais está, de acordo como afirma em *Tantos anos depois, Paris parece tão distante ...*, na ordenação de vozes, respectivamente, em onisciências múltipla e simples.

Mostra-se curiosa, por sua vez, a dedicatória do conto *Reflexões sobre uma viagem sem fim* (depois, *A natureza ri da cultura*) para Benedito Nunes, estudioso que, no início da década de 80 do século passado, teve de Clarice Lispector a observação: “Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é” (Nunes, 2009, p.23).

Benedito Nunes (2009), em *Meu caminho na crítica*, comentou a ponderação de Clarice Lispector: “Ela percebia lendo o que sobre ela escrevi, que o meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária. Amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias, é também extensivo, em conjunto, à interpretação da cultura e à explicação da natureza. Um interesse tão reflexivo quanto abrangente, é, portanto, mais filosófico do que apenas literário” (Nunes, 2009, p.23).

A oposição natureza x cultura, no conto de Milton Hatoum, sustenta, do mesmo modo, as situações dos protagonistas e narradores do conto e do romance *Relato de um certo oriente*, diante de um mesmo passado, na relação estreita que tiveram com um professor, intelectual, mentor de todos eles – Delatour, homem de livros e que não mais reside em Manaus quando da volta das personagens para a casa materna. Tal condição revela-se numa passagem emblemática do conto, onde aquela inscrição – “a natureza ri da cultura” (Hatoum, 1992, p.65) aparece. A casa em ruínas do professor, naturalmente deteriorada por abandono, sinaliza seu valor num passado em que fora lugar de cultura e

conhecimento, o que lemos a partir da memória escolar dos narradores e protagonistas do conto e do romance. Tal imposição natural do tempo, sua força, promoveu, junto à memória familiar e afetiva do autor, a alteração do próprio título do conto e condicionou o desdobramento do papel de Delatour noutro papel ficcional: o do professor Laval, personagem de *Dois irmãos*, a fim de que talvez a presença da cultura passasse a desafiar o riso cínico da natureza diante da força do seu tempo.

O interesse de Benedito Nunes pelas obras literárias transcende juízos críticos das teorias literárias; estende-se aos sistemas de idéias que regem padrões de comportamentos narrados em ambientes diversos. Para o crítico, a literatura é lugar de construção de identidades reconhecidas em papéis ficcionais, anteriormente, em atos de indivíduo ou grupo social no âmbito de valores sociais. Para o ficcionista Milton Hatoum também.

As duas edições do conto, sem e com modificações, alimentam as gêneses dos romances – *Relato de um certo oriente* e *Dois irmãos*; curiosamente, trazem também para suas versões diferentes, sempre um mesmo professor, num ponto de vista primeiramente firmado a partir de um jovem rapaz e, depois, na segunda versão, de uma jovem moça, a que será protagonista e narradora de *Relato de um certo oriente*. O rapaz, o da primeira versão do conto, será narrador e protagonista de *Dois irmãos*. *Relato de um certo oriente* também trará, entre suas personagens, dois irmãos protagonistas e dois figurantes, estes, sem nome, tidos pela narradora, no início do romance, como “[...] inomináveis, filhos ferozes de Emilie [...]” (Hatoum, 1994, p.11). No final da mesma narrativa, sua narradora não deixará de fazer outro mal juízo sobre os mesmos irmãos: “É difícil saber de onde vem a revolta de um filho, essa delinquência precoce, a inveja, o ciúme e a violência que desde cedo tomaram conta desses dois filhos de Emilie” (Hatoum, 1994, p.144). O romance *Dois irmãos*, como o título já demonstra, dispõe entre seus protagonistas dos irmãos Yakub e Omar, o calmo e o colérico. Omar tem um temperamento violento e nutre em relação a Yakub a inveja e o ciúme.

A calma e a cólera representam, como um todo, as paixões humanas e movimentam, nas suas assimetrias, os ânimos dos dois irmãos na ação narrada. Entre os pais dos irmãos, Zana, a matricarca, mostra-se explosiva, emocionalmente desorientada; sente ciúmes de Omar; Halim, o patriarca, é mais tranquilo e sente ciúmes da dedicação da mulher a Omar, o irascível. Yakub é calmo, Omar, colérico e invejoso.

As paixões envolvem argumentos retóricos eloquentes da narrativa na construção da disposição de ânimos dos dois protagonistas e provocam juízos na leitura acerca de seus comportamentos. Omar é invejoso; inveja o irmão, a conquista amorosa do irmão: Lívia, uma mulher determinada, digna da sua inveja. A raiva de Omar pelo irmão expõe tal dife-

rença, movendo-o a agredi-lo fisicamente, ferindo-o gravemente. Tal acidente de percurso confirma-o colérico. Yakub jamais revidou tal agressão.

Os dois primeiros romances de Milton Hatoum trazem conjuntos narrativos semelhantes e envolvem-se com paixões, um lugar retórico para as narrativas dramatizarem riscos e perdições. Assim, em *Dois irmãos*, Omar libera suas paixões, faz delas meio de vida; Yakub não as libera e tal é a diferença entre os filhos de Zana e Halim.

A matriarca é uma figura forte nos dois romances comentados. O patriarca tem também presença decisiva nas duas narrativas. A sensualidade da matriarca, no segundo, é saliente; no primeiro, branda. Os narradores, como dissemos, são filhos ilegítimos; a primeira, sem controle de suas emoções, ressentida; o segundo, equilibrado em seus sentimentos.

Relato de um certo oriente envolve-se com esquecimentos; *Dois irmãos* assume boas e más lembranças. O primeiro romance de Hatoum traz expostos os ressentimentos da narradora; no segundo, seu narrador amortece-os num esforço para superá-los. Nos dois romances os narradores sofrem com a morte da matriarca. No primeiro temos uma narradora, a principal, com visão por detrás das personagens, ao lado de uma onisciência múltipla composta por outras personagens com os papéis de narradores secundários. No segundo, temos um narrador com a mesma visão por detrás, numa onisciência simples.

O sujeito define-se pelas suas contingências afetivas vividas. O pouco conhecimento de suas origens, a partir da imagem distante da mãe e do não conhecimento do pai, aterroriza a narradora de *Relato de um certo oriente*; o narrador de *Dois irmãos* conhece parte da sua origem, sua mãe, com quem convive; faz-se, diante disso, mais piedoso. Piedade e terror são duas forças da paixão que alimentam e movimentam as vozes narrativas tanto de *Relato de um certo oriente* como em *Dois irmãos*.

Numa entrevista¹ de fevereiro deste ano, Milton Hatoum (2015) anunciou-nos que seus motivos romanescos em *Dois irmãos*, calcados em memórias familiares, tinham uma dívida com “[...] dois grandes textos, o *Esau e Jacó*, do Machado e um conto extraordinário de Flaubert: *Um coração simples*”.

Temos, no *Gênesis*, entre irmãos – Caim e Esau (gêmeo de Jacó), posições contrárias vividas em conflito, oriundas de um ato voluntário, personificado; a partir de Caim, as contrariedades nutridas contra o irmão fizeram-se danosas, fatais. Em *Dois irmãos*, posições

¹ Entrevista para Rogério Borges em *O Popular*. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/milton-hatoum-1.785809>.

diversas, introvertidas, vivenciadas entre Yakub e Omar comparam-se às experimentadas por Caim e Esaú.

Zana, a mãe de Omar (gêmeo de Yakub), no entanto, ao chamar o filho preferido, carinhosamente, de peludinho, aproxima-o, pela etimologia do nome, a Esaú, o peludo, sugerindo-nos, ao mesmo tempo, que Yakub, diante da sua paixão determinada por Lívia, lembra-nos Jacó, sempre interessado em Raquel.

O *Gênesis* traz pequenas parábolas acerca da constituição da criatura humana que aproximam, nos tempos primordiais, seres de consciência rasa com aqueles que, nesses mesmos tempos, submetem seu pensamento a valores próximos do humanismo. Os irmãos Caim e Abel e os gêmeos Esaú e Jacó, suas trajetórias, encerram passagens daquelas narrativas alegóricas. Há diferenças, no entanto, no relacionamento entre as duplas emblemáticas de irmãos consideradas pelo *Gênesis*: na primeira, dois irmãos nascidos em tempos diferentes não cultivam o sentimento de irmandade, já estabelecida, com sinais de fraternidade, entre os gêmeos da segunda, e o resultado da qualidade dos ânimos vividos pelos gêmeos dá-se de forma diferente da primeira.

Na parábola Caim e Abel, após o homicídio, contamos com uma intervenção familiar e evidente dedicação da mãe pelo destino de Caim. No entanto, quer Adão, Eva ou Caim consideram a gravidade do acontecimento; suas consciências são rasas. Na parábola de Esaú e Jacó temos nos gêmeos um duplo, cujas alteridades, elementares, mostram-se forjadas pela matriarca e pelo patriarca, momentos em que lemos o conceito de família mais adensado e conjugado à questão do parentesco. O *Gênesis* é o livro que traz o zelo de Deus na criação do mundo, passando pela sua povoação por intermédio de patriarcas, que migram de um lugar para outro, constituindo famílias, ditando para os filhos a companhia adequada, ordenando-os em famílias para a procriação e construção de comunidades tribais. O tempo do período patriarcal é longo, tem marcas improváveis e simboliza a duração temporal da constituição do grupo humano na terra. Dessa maneira, na base simbólica da longevidade constam vagas noções da mortalidade, da transição do tempo, ao lado da firme disposição do grupo humano no cumprimento das direções dadas pelo patriarca para o comportamento familiar.

Em *Dois irmãos*, Lívia, diferentemente da machadiana Flora, mostrou-se sempre decidida por Yakub; casou-se com ele. Flora não conseguiu decidir-se nem por Pedro, nem por Paulo; morreu antes do veredicto. Ao lado disso, Milton Hatoum inverteu da parábola bíblica verdades e vontades, momentos em que o memorável do mito primordial, coletivo, adequou-se às memórias afetivas e propósitos ficcionais do escritor.

A matriarca, em *Dois irmãos*, é quem dita o comportamento familiar. Zana, entre seus gêmeos, elege como preferido o que nomeia seu caçula, o último a nascer dos gêmeos. Desconsidera a progenitura e não será deste desdém a origem do conflito entre os irmãos Yakub e Omar. Milton Hatoum promoveu usos invertidos dos sinais bíblicos no seu romance; desalinhou tanto, como vimos de início, suas memórias familiares, como as memórias bíblicas e as literárias, suas, como as da leitura de *Esau e Jacó*, de Machado de Assis.

Domingas, mãe de Nael, o narrador e protagonista de *Dois irmãos*, tem um papel semelhante à da protagonista Felicidade, do conto de Gustave Flaubert, *Um coração simples*: uma conduta marcada pela singeleza e modéstia. Nael, o narrador, é filho de Domingas e seu pai, deduz o próprio filho, é um dos filhos do patriarca Halim: Yakub ou Omar. (Domingas, enquanto viveu, ou não teve coragem para contar para o filho sobre seu verdadeiro pai, ou tinha com sua protetora, Zana, um pacto de silêncio sobre a paternidade de Nael). No *Gênesis*, tanto a esposa dos patriarcas, como a esposa dos filhos dos patriarcas, liberavam seus esposos para gerarem filhos com as criadas da casa. No entanto, no *Gênesis*, todos conhecem sua descendência. Abraão, com descendência de Noé, teve mais de uma companheira, assim com seus filhos Ismael e Isaac. Esau e Jacó, filhos de Isaac também contaram com mais de uma companheira. A descendência dos dois narradores dos romances de Milton Hatoum – *Relato de um certo oriente* e *Dois irmãos*, constituem-se em mistérios. Outros desalinhos entre a narrativa bíblica diante dos mistérios narrados de Milton Hatoum: Omar é nome bíblico de um descendente de Esau; daí, Zana, no romance, tê-lo como o “peludo”, conforme caracterização bíblica; entretanto, conforme o romance, ele não é o filho primogênito. Uma vez nascido como o segundo de um parto de gêmeos, a mãe, como dissemos, nomeou-o caçula. Yakub faz-se no primogênito; todavia, como Jacó, segue para o Oriente, o Líbano, conforme desígnio de Halim, o patriarca, com a finalidade de afastá-lo do irmão, Omar. E as intenções do patriarca não seguem os parâmetros bíblicos do afastamento entre Esau e Jacó, mas unicamente os da vontade de Halim que deseja distanciar os irmãos e conseguir mais proximidade da matriarca e realizar plenamente a paixão ardente que sempre sentiu pela esposa; quer, por isso, vê-la livre dos cuidados com os filhos e mais disposta para ele, Halim.

Assim, Yakub, como Jacó, é quem, como na saga do texto bíblico, passa por territórios diversos – Manaus/Líbano/Santos/São Paulo, e, desse modo, constitui uma família e monta, a partir de um êxodo, uma residência, conforme as memórias da constituição da família de imigrantes libaneses de Milton Hatoum. Yakub, de um lado, sacrificou-se pela família; é calmo, uma criatura clemente e com sentimento de compaixão, aprendizagens da criatura humana no processo de humanização presente no *Gênesis*. Por outro, o egoísmo

ronda o comportamento de seu pai, mãe e do irmão. O desejo de manipulação do destino do outro movimentou Halim em direção à Zana, desta em direção a Omar, liberando o primogênito, Yakub. Os dois irmãos – Yakub e Omar, envolvem-se tanto com suas desordens íntimas, quanto com as dos pais, fazendo com que Zana queira dominar Omar, Halim à Zana e Omar a agredir fisicamente o irmão, como também apropriar-se da namorada e, depois, esposa: Lívia.

Os conflitos familiares que estabelecem a composição literária dos romances que analisamos perpassam memórias afetivas, bíblicas e literárias em disposições que se alinham à fixação das vozes narradoras estabelecidas para *Relato de um certo oriente* e *Dois irmãos*, oriundas, para nós, como observamos de início, de versões distintas de um mesmo conto – *Relatos de um história sem fim*, renomeado *Natureza e cultura*.

A figura do narrador, quando acionada, promove uma grande intervenção na prosa ficcional; no caso, fixa as vozes que projetam torrentes de memórias que geram, entre vazios e mistérios, apurações de afetos dispensados entre vidas vividas em conto e romances.

Os narradores dos dois romances são bastardos, magoados, querem saber de suas origens e não conseguem estabelecê-las por completo. Diante disso, sentem-se deslocados, fora de lugar. A narradora do primeiro romance e seu irmão, quando jovens, deixam a casa de Emilie. O irmão fixa-se na Espanha e jamais volta para Manaus. A narradora volta de São Paulo para Manaus na ocasião da enfermidade de Emilie, mas se mantém distante dela. Nael, narrador do segundo romance, em companhia da mãe e após sua morte, reside em cômodos dos fundos da ampla casa de Zana, apartado de todos da família proprietária.

Os bastardos, suas vidas, não contaram com um lugar de acolhimento organizado por um pai ou uma mãe; foram acomodados em casas alheias, de Emilie e Zana. Mostram-se, por isso, ressentidos, envergonhados, expulsos do Paraíso e pela palavra, pela cumplicidade da palavra: Emilie e Zana conhecem os pais dos bastardos e morrem com o segredo. Uma vez expulsos do Paraíso, instala-se entre os narradores e protagonisas o desassossego: na separação entre os irmãos em *Relato de um certo oriente*, cada um seguindo seu próprio caminho, assim como, em *Dois irmãos*, no sacrifício contínuo de Nael, procurando, diante das diferenças sempre presentes entre ele e todos os demais com quem convive na casa de Zana, acomodar-se com a aceitação do seu destino.

As matriarcas Emilie e Zana, como dissemos, conhecem os pais dos dois narradores. Para isso, a trama de Milton Hatoum tem, para o papel de ambas, a mesma sentença nos dois romances: a falta de compaixão dos narradores diante da sua morte. Como poderiam, de fato, apiedarem-se gratificados mediante cumplicidades tão grandes da parte de Emilie e de Zana? Ambas simbolizam, na leitura dos nexos bíblicos entre o *Gênesis* e os dois

romances, a possibilidade de considerarmos o vivido pelas matriarcas e bastardos, atitudes mediante acertos, faltas e falhas, identificáveis, apesar da distância entre os tempos longevos e contemporâneos, como constitutivos da trajetória da humanidade no homem, praticados em atos e omissões que os traduzem como nem bons, nem maus, no entanto, complexos, humanos, no âmbito do percurso das relações de parentesco.

Enquanto desalinha suas memórias familiares, como também as exemplares, bíblicas, assim como as memórias literárias, Milton Hatoum abranda o eu elocutório do filho de imigrantes libaneses e estabelece um ethos autoral envolvido, conforme pensamento de Benedito Nunes (2009, p.30) com – uma “inquietação ética ou [...] uma ética da inquietação” acerca dos “dos conflitos éticos e do empenho moral dos homens” (Nunes, 2009, p.42), que interrogam acerca da trajetória da aventura humana, suas andanças, por meio da forma aberta do romance, capaz de computar, como no caso, no tempo físico da natureza, expressões de modelos genealógicos grafados pela cultura.

Desse modo, entre sistemas de valores e interesses diferentes, indivíduos distintos e eixos variados de memórias, Milton Hatoum recupera imagens, recobrando-as com novos sentidos, nos moldes da capacidade fenomenológica do romance em estabelecer, a partir do universo da literatura, situações verdadeiras e novas para o seu leitor. De acordo com afirmação do autor noutra entrevista² acerca do seu processo criativo: “A partir de um momento, a memória passa a ser o movimento do imaginário”. Assim, memórias míticas, afetivas, literárias, por meio dos delegados da voz autoral, seus narradores, protagonistas e personagens, moldam circunstâncias em que situações memoráveis e literárias mostraram-se suscetíveis de leitura em concepções temporais diferentes e dão curso às possibilidades de entendermos o drama de existir do homem em suas relações no interior da família e com o mundo.

A narradora e protagonista de *Relatos de um certo oriente*, sem nome, sente a tristeza da insatisfação; sente-se órfã, indefesa; tem o afeto de um interlocutor distante, seu irmão e ambos nutrem o mesmo sentimento diante do desconhecimento do pai. O narrador e protagonista de *Dois irmãos*, Nael, apresenta-se sereno, numa reação consciente diante da infelicidade sem merecê-la pelo desconhecimento da paternidade, algo que aterroriza a narradora do primeiro romance, tendo-o como um infortúnio. Tais emoções e sentimentos vividos pelos narradores e protagonistas instalam um movimento nas duas narrativas

² Entrevista para José Castello no jornal *rascunho* e reunida por Luís Henrique Pellanda (2010), em livro – *A melhores entrevistas do rascunho* (pp. 203-223). Porto Alegre: Arquipélogo Editorial.

direcionado para instâncias de leitura que localizam, nas paixões, os sentimentos de atração e repulsa.

Quanto aos outros dois irmãos e somente protagonistas de *Dois irmãos*, o calmo e o colérico, representam, para os ânimos do leitor, as paixões como um todo, em sua simetria e assimetria. Enquanto o calmo mostra-se clemente, generoso, com um temperamento experiente, bom e verdadeiro, a ser cultivado pela experiência, o colérico inspira, para todos, antipatia: cultiva, contra seu irmão gêmeo, uma esperança de vingança. Omar, o colérico quer fazer de seu irmão Yakub uma vítima; para isso, quer ultrajá-lo, envergonhá-lo. Omar é inútil, movido por desgostos; sente raiva, zomba, troça de todos; tem, por isso, um comportamento esvaziado de experiência, deslocado das vivências sociais, domésticas, familiares; aproxima-se, assim, dos impelidos pelas consciências rasas representadas pelas criaturas dos períodos longevos.

Milton Hatoum, entre conto, crônica e romances, promove, por meio de certos narradores e personagens e dos movimentos temporais das suas narrativas, um torvelinho na instância da subjetividade do sujeito, em sua memória, no âmbito de representações de experiências coletivas e particulares, fazendo-as transcendentais, como um assunto dramático da consciência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Hatoum, M. (1992) Reflexão sobre uma viagem sem fim. *Revista Usp*. São Paulo, 13, 61-65. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/13/08-milton.pdf>
- Hatoum, M. (1993). Passagem para um certo oriente. *Remate de males*, Campinas, 13, 165-168. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3081/2560>
- Hatoum, M. (2006). *Dois irmãos*. São Paulo: Cia das Letras.
- Hatoum, M. (2013). *Um solitário à espreita*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Hatoum, M. (1994). *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Hatoum, M. (2009). A natureza ri da cultura. *A cidade ilhada* (pp. 95-102). São Paulo: Cia. das Letras.
- Nunes, B. (2009). Meu caminho na crítica. *A clave do poético* (pp. 23-42). São Paulo: Cia. das Letras.

RESUMO

Personagens dos dois primeiros romances de Milton Hatoum atuam no replicar de outros textos do autor, de suas memórias familiares e de memórias bíblicas e literárias. Este trabalho estuda tal disposição memorialística nos romances iniciais do autor, e, mais especificamente, no segundo romance – *Dois irmãos*, em que o comportamento dos protagonistas gêmeos encaminha uma trama ficcional que passa por nexos religiosos e questionamentos éticos.

ABSTRACT

Characters from the first two novels by Milton Hatoum act in response to other texts by the author, to other family memories, and to literary and biblical memories. This work analyzes this disposal of memoirs in the early novels of the author, and more specifically in his second novel – *Dois irmãos*, in which the behavior of the twin protagonists leads us into a fictional plot that deals with religious connections and ethical questions.